

1 - Catástrofes Económicas Naturais

Devido a circunstâncias ligadas à pandemia, há uma frequente falta de últimos olhares as mortes, que aumentaram drasticamente no ano passado. O medo e sofrimento de quem morre em isolamento é ocultado.

Alberto del Campo, antropólogo pela Universidade de Pablo del Campo em Sevilha, chama esse fenómeno "morte higiénica«. Despojados de uma retrospectiva, as mortes parecem inevitáveis e portanto coerentes. A falta de luto disfarça a pandemia como um desastre - natural; enquanto os responsáveis políticos são absolvidos.

Um estudo da universidade de Pensilvânia, revela que aos 3 milhões de mortos se associam 27 milhões de parentes próximos. Vítimas colaterais, sob tensão psicológica que não deveria ser subestimada.

Embora a intenção de criticar a mitigação do impacto pela Covid-19, qualquer enumeração de pessoas é um reducionismo impróprio. Pois a relação entre morte e luto não é aditiva, mas uma transição em que pessoas coincidem:

... devido à natureza altamente transmissível da COVID-19, agrupamento de mortes dentro das famílias não é improvável. Isso levará algumas famílias a experimentar simultaneamente a morte de vários membros da família, complicando ainda mais o processo de luto....

2 - Morte Privada e Luto por Receita

O círculo mais próximo de uma pessoa (falecida) geralmente inclui 9 pessoas.

A essa conclusão chega um estudo da universidade de Pensilvânia, que examina as consequências ligadas à Covid-19.

Para além de trivializar desproporcionalmente, os números deixam claro, que a morte não acontece a uma pessoa só. Mas o estudo não compreende a verdadeira escala do impacto. Cometendo o mesmo erro que procura criticar: de privatiza a morte.

Portanto, os dados não podem explicar os afetos que saem do padrão de parentesco »patrimonial«, matrimônio, ou coabitação.

Com base nesta equação imperfeita, o cálculo não pode funcionar. Contudo o estudo reconhece, que a crise dos cuidados de saúde, será mais ampla do que imaginado até então. Cada morte pela COVID-19 também deixará amigos, colegas de trabalho, e vizinhos de luto. Cortes sociais e económicas conduzirão indirectamente à uma taxa de mortalidade mais elevada.

Arrepiante é que o estudo considera o luto como resposta preventiva contra essas mortes.

Considerando que hospitais e hospícios estão à beira do colapso, em muitos casos rituais de despedida tem que ser suspensos.

Mas transferindo a despedida em um vocabulário patológico, e transformando-a em um procedimento terapêutico, permite que sua importância seja reconhecida.

As elevações do estudo citado, parecem indicar ao luto como medicamento.

Para não dizer, como uma espécie de substituto, para aqueles a quem não são concedidos outros remédios. Essas pessoas que não são consideradas na economia da distribuição medicinal.

Primeiro, se expos uma parte significativa da humanidade à perigos mortais.

Não lhes é concedido nenhum antídoto. Sem suporte médico, nem psicológico, nem se quer financeiro, devem suportar as percas e mortes de seus amigos e parentes mais próximos. Lhes são mesmo negadas as despedidas - sob o pretexto de medidas de higienização e cuidado de saúde.

Se logo os rituais de despedida ressurgirem face a persistência da ameaça declarada inevitável, assim como forma de medicação. Considerados uma concessão generosa para todos aqueles que não podem ser imunizados de qualquer outra forma (por falta de financiamento).

Tal como a "morte higiênica" que isola os mortos do encontro social, o luto como forma de terapia estabelece a morte como um assunto privativo.

Porém, a morte de um morto não é apenas assunto dos seus parentes mais próximos.

Uma pessoa não se reduz às estruturas e relações de poder, em que morreu.

E o luto não se detém na reintegração dos dependentes à o circuito produtivo. O luto é um processo que integra a morte na vida comunitária, expressando que como a vida, sempre é um ato coletivo.

Pois com e para além do indivíduo, a visão da morte - seja no medo ou no luto - transmite a percepção do seu acontecimento, como um local de partida.

3 - Expulsão e arrancamento à vida

Ao procurar os mortos (ou algum rastro deles, esquecido pela higienização), encontro uma surpreendente proximidade ao nascimento.

Nas áreas mais afectadas pela pandemia, o rápido aumento de mortes ameaça que os números de mortos se cruzem com a taxa de natalidade.

A situação mais emblemática pôde ser observada em Porto Alegre. Onde em março de 2021 foram registados 3.221 óbitos e apenas 1.509 nascimentos. (dados do registro civil, El País de abril 2021)

Um fenómeno que foi registrado em 12 cidades do Brasil no mesmo mês.

Este encontro sinistro já podia ser previsto há um ano atrás. Quando houve apenas 6 nascimentos mais do que óbitos. Pergunto-me espantada, se eu conhecesse alguma dessas 6 pessoas. Me lembrando já, que quem morreu não foram essas mesmas recém-nascidas. (Aqui pelo menos, meu forte desejo)

Mas se não são as mesmas pessoas que morrem e nascem, se seu encontro é só numérico - o que então mantém-as separadas? Qual é esse espaço inserido entre elas?

Se houver um encontro entre o ceder e o ânimo será sem dúvida, em um lugar por vários motivos indeciso....

Em »A Descend into the Malström", Edgar Allen Poe expõe o protagonista ao medo de enfrentar a morte. Surpreso por uma tempestade todo-consumidora, agarra-se a um penhasco sobre a borda de um precipício vertiginoso. Não tem outra escolha, senão a de se atirar no olho do tornado. Ele sente as poderosas rochas atrás de si cederem, sabendo que a tempestade as aniquilará. Naquele momento ele percebe: a rocha racha. (the rock rocked).

Enfrentando a morte, realiza-se uma qualidade constituinte da rocha. É só no rachar que ele percebe a gravidade da rocha. Sendo o mesmo momento em que ela perde essa mesma capacidade e se desfaz. Sua vivacidade súbita contradiz a estática habitual da rocha. Resistindo a essa idetificabilidade, a rocha coloca sua qualidade em função -

O medo faz com que são simultaneamente expostos a qualidade inerente da rocha, bem como a negação absoluta de sua suposta essência.

Em sua abordagem sobre a pandemia atual, o neurocientista Miguel Nicolelis situa o abismo entre os não-mais-vivos e os ainda-não-vivos:

"Existem efeitos a longo prazo caso essa tendência perdure por vários meses, inclusive impactos na massa produtiva, na mão de obra". (Nicolelis em El País)

O que separa os óbitos dos recém-nascidos, são as massas de corpos, quantificáveis em termos econômicos. Se lhes é concedido cuidado médico, assim porque são considerados relevantes para a produção. Enquanto a necessidade dos mortos, é em realidade apenas essa dos dependentes sobreviventes:

Sufrimento insuperável ou menores de idade que são deixado atrás, poderiam desenvolver disposições psicológicas, que ameaçam privar (ainda mais) corpos da circulação econômica.

A sua avó faleceu, quando uma amiga estava ocupada com ajudar sua companheira de apartamento em decidir se devia fazer um aborto ou não. Minha amiga me disse: "A morte é tão inconveniente - como uma criança não planejada". Exactamente, pensei: inconveniente.

Porque os mortos e os ainda não nascidos são vistos como o problema exclusivo dos seus guardiões por lei.

Uma pessoa adoecida pode ser visto como risco de exigir cuidado por um longo período de tempo.

Mas o tempo que um parente precisa, para recuperar-se da morte de uma pessoa próxima, não é estimável.

Os que não-vivem-mais e os que ainda-não-vivem-menos, exercem uma força impactante sobre a sociedade. Mais potente talvez, que o poder que emana dos adoecidos e dos recém-nascidos.

Pois seu tempo é um tempo partilhado e imprevisível. Ao contrário do recém-nascido, aquele que ainda-não-vive-menos, é um desejo não satisfeito, por vezes não realizável, que pode afectar múltiplas biografias indefinidamente....

(Medo da) morte tem o potencial transformador da percepção do próprio espaço; em que a dor desdobra-se em potencialidade de um ato vital.

Honrar os não-tal-vivos, envolve cultivar o território que ocupam - a presença daquilo que ainda será construído.

commissioned & kindly supported by
Times Art Center Berlin, for the exhibition
ANGST, KEINE ANGST/畏无所畏/
FEAR, NO FEAR
July 17th, 2021



*****fontes:

„FMI melhora em até 4,6% sua perspectiva de crescimento para a América Latina e o Caribe neste ano“, El País, 6.4.2021

„Cidades Já somam mais mortes que nascimentos em desvio de curva que pode avançar em todo Brasil“, El País, 8.4.2021

„As vítimas esquecidas da covid-19: cem milhões de pobres a mais“, El País, 22.4.2021

„Morte „higiênica“ e „escondida“ por covid-19 agrava a epidemia silenciosa da dor“, El País, 24.4.2021

„A Descent into the Malström“, E.A.Poe

„Tracking the reach of COVID-19 kin loss with a bereavement multiplier applied to the United States“, first published by PNAS on July 10th